

Fernando Pessoa

## UM SISTEMA IDEALISTA

### UM SISTEMA IDEALISTA

Uma coisa para existir deve ser ou finita ou infinita. Ora o mundo não é (provo aqui) nenhuma: o mundo não existe.

Para que uma coisa exista é preciso que seja susceptível de ser percebida e pensada; ora o mundo infinito não pode ser percebido; o mundo finito não pode ser pensado.

O mundo *como todo*, não existe. Mas o mundo *existe*, parece. Mas não existe como todo. Existe, pois, como parte. Não parte de um todo homogéneo; porque esse todo seria ele mundo, e, como já provámos, o mundo como todo não existe.

É forçoso, pois, que o mundo exista como parte de um todo de que ele não é materialmente parte. Ora isto é susceptível de *ser percebido e pensado* — e ser percebido e pensado são, como já dissemos, as características da realidade. É susceptível de ser pensado, como já provámos, chegando pelo pensamento a essa conclusão. É susceptível de ser percebido, pelos sentidos, porque estes não o buscam como infinito, nem como finito.

O mundo em si é, pois, limitado por uma limitação *sui generis*. É parte, não homogenicamente, não materialmente, de uma coisa qualquer. Que é essa? É o finito ou o infinito. Não é o finito porque o mundo o contém em si. É, pois, o infinito. É o mundo, pois, parte não integrante de um infinito.

Não é eterno nem deixa de o ser. Aqui não há questão de percepção, é único critério o *pensamento*. Ora não podemos *pensar* o mundo eterno. Nem o podemos *pensar começando*. Portanto, o mundo, *como todo*, não é eterno nem deixa de o ser.

É a série outra vez.

Mau ou bom?

Participa das ideias como queria Platão? É isto realmente a *participação*?

Mas, esse infinito de que o mundo é parte não integrante, não é um *ser*. É, pois, uma *ideia*. Daqui a participação.

s. d.

**Textos Filosóficos** . Vol. I. Fernando Pessoa. (Estabelecidos e prefaciados por António de Pina Coelho.) Lisboa: Ática, 1968 (imp. 1993): 92.